



UMA JOVEM ARTISTA AOS 73 ANOS



UMA JOVEM ARTISTA AOS 73 ANOS

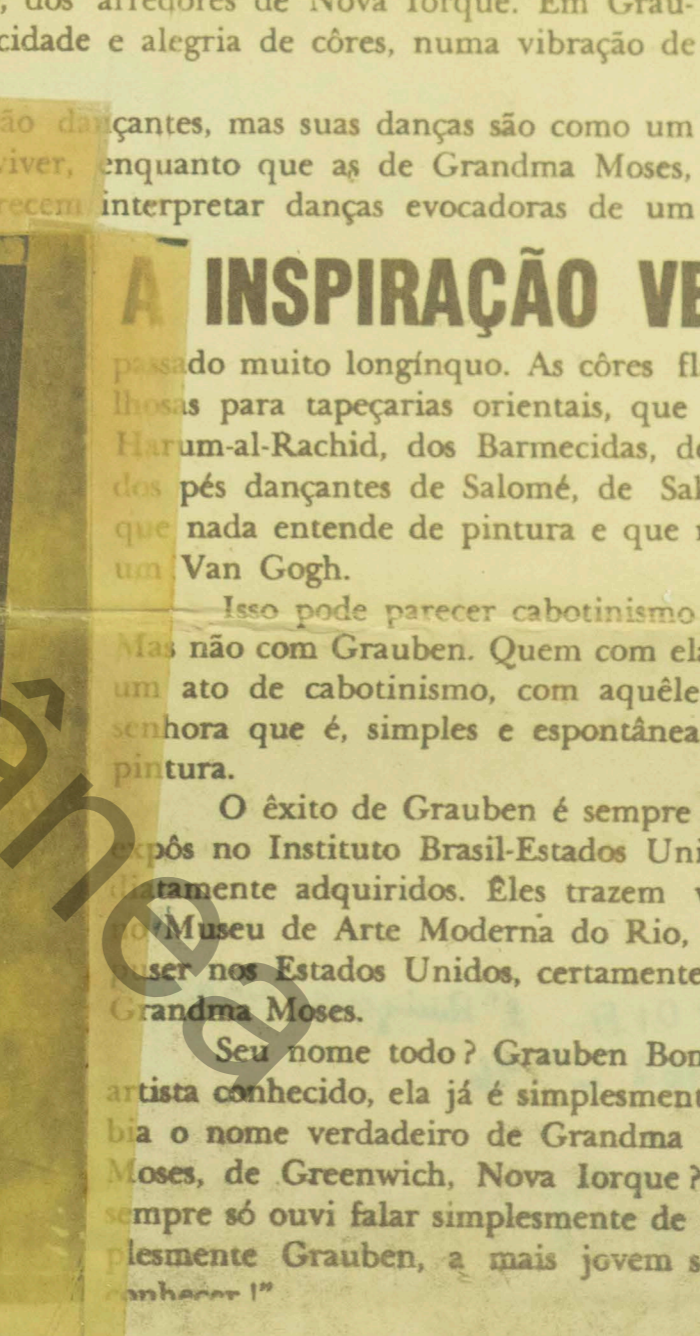
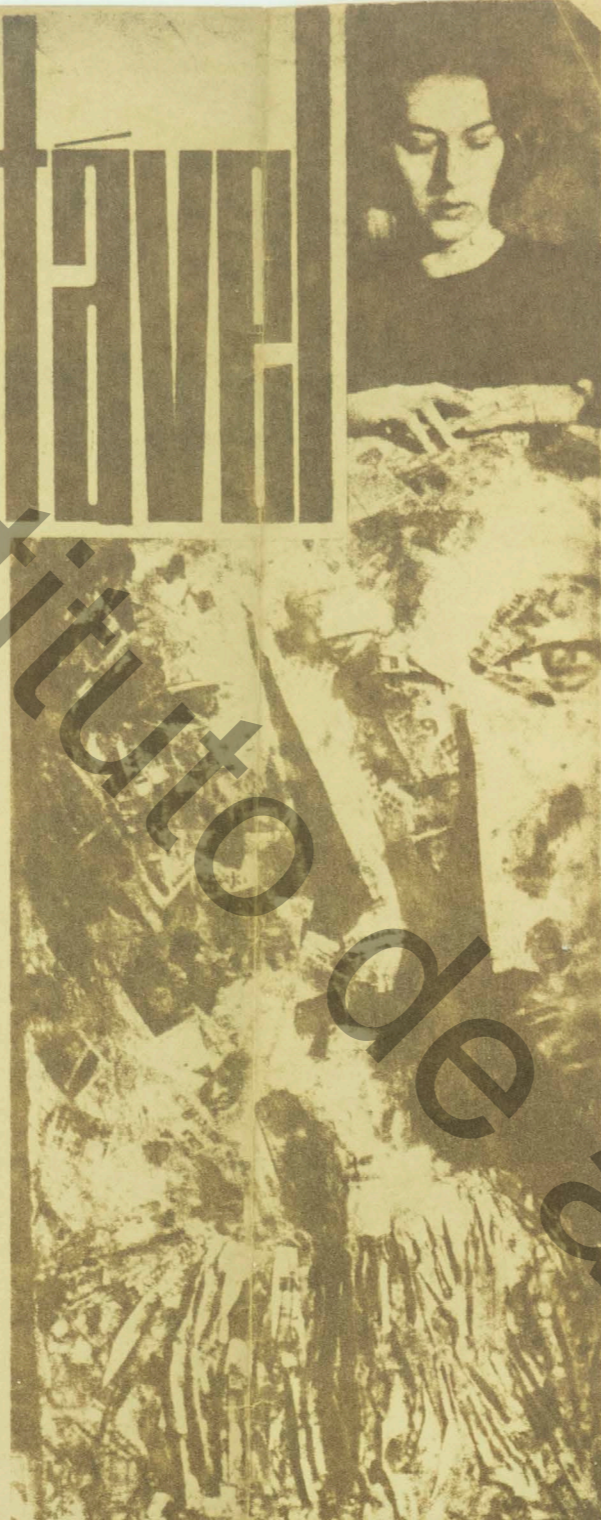
Mas não é só gente rica e nobre que se entretém com a arte. Sòzinha, em seu apartamento de uma só peça, no bairro pobre londrino de Kentish Town, uma artista trabalha. Uma artista diferente, em todos os sentidos. Recebendo já a aposentadoria que o Governo inglês dá a todos os velhos sem renda suficiente para viver. Amy Gibbs está criando um nôvo tipo de arte, num período de sua existência em que a maioria das pessoas prefere ficar olhando para trás, embevecendo-se com o próprio passado. Usa, como matéria-prima, depois de ter feito experiências com aquarela e bordados, pedacinhos de papel prateado e tampas de garrafas de leite. Para se inspirar, escolheu as coisas de todos os dias, que tão bem conhece. Seu modelo preferido é a Delegacia de Polícia, que fica do outro lado da rua em que reside. Já fez também quadros inspirados em outros edifícios próximos de sua casa e estudos (bastante complicados) de couves e repolhos, nos quais os objetos perdem tudo de sua banalidade hortícola, para ganharem valor de pura arte. Tudo isso, que começou apenas como "hobby", para encobrir a longa extensão do tédio de uma aposentada, acabou por lhe trazer fama. Pois a Tia Amy Gibbs, como é carinhosamente conhecida, já teve uma exposição sua na Galeria Cenaur, na Rua Portobello, em Londres, o que não é para qualquer um. Ninguém se espantou mais do que a própria Amy Gibbs, quando começou a aparecer gente para admirar seus trabalhos, e para comprá-los também. Os negócios, agora, vão bem. Ela chega a receber até nove libras por uma das suas criações: nada mau para uma velha aposentada com o parco recursos pecuniários de Amy Gibbs. Isto, para ela, no entanto, não é o que conta mais. Em primeiro lugar, dá expansão os seus pendores artísticos, que desconheceu (ou recalçou) durante uma longa vida. Em segundo lugar, evita a melancolia dos que atingem idades avançadas, sòzinha, e não encontrar o que fazer para encurtar os dias, então tão longos.

Temos, também no Brasil, algo no gênero. Melhor e mais sério, porém. Aqui, não se trata de uma aristocrata que engana o tédio lambusando uma tela ou dançando danças flamengas. Não se trata de artesanato puro e simples com o emprêgo de material exótico ou comum. Não se trata de preencher os ócios da inatividade com um trabalho que engana o passar das horas e ainda rende umas boas libras. Mas o melhor é dar a palavra ao jornalista Marcos André, descobridor do nosso "fenômeno". Eis o que êle diz:

"Eu acredito em espiritismo. Se não o pratico, é porque tenho medo que me peço de espíritos e fantasmas. Depois, recô descobri que sou médium e então os espíritos não me deixam em paz. Mas acredito em espiritismo e em muitas das suas manifestações. Esse caso, a que chamo "caso Grauben", é um dos fatos que mais me fazem crer que a nossa vida não acaba aqui, de repente, sem mais nem menos, no Cemitério de São João Batista ou no Caju. Creio na vida anterior. Porque, às vêzes, venho coisas em lugares pela primeira vez, porém que não nos parecem estranhos, e sentimos que os vimos antes, em outras eras, em vidas anteriores. Como em Baudelaire: 'J'ai vécu sous des vastes portiques...', onde há tôda uma recordação de uma vida já vivida em épocas mortas.

O "caso Grauben" apresenta-se, pois, para mim, como um caso de espiritismo. Grauben, a pintora, está sendo comparada à Grandma Moses, que há pouco morreu nos Estados Unidos, depois de haver adquirido grande fama como pintora. Morreu com 101 anos de idade, e é considerada, por um grande crítico de arte, como "quase" o mais famoso artista da pintura dos Estados Unidos. Grandma Moses começou a pintar com 76 anos. Grauben, aos 73.

No entanto há uma diferença entre essas duas artistas. Grandma



NOTÍCIAS SÃO MATERIAL DE ARTE

legre, de coloridos fortes e fascinantes, que encantavam crianças e adultos. Ivan Serpa, professor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e um dos chefes da pintura abstracionista do País, entusiasmou-se com a pintura de Grauben e começou a dirigi-la, sem, contudo, influenciá-la, mesmo porque, creio, Ivan Serpa não quereria criar casos com o espírito que descobriu Grauben!

A diferença entre a pintura de Grandma Moses e a pintura de Grauben é que a daquela tem uma ingenuidade nostálgica e a de Grauben tem uma ingenuidade impulsiva, quase como a expressão inconveniente de uma criança, dita com tôda a inocência; uma inconveniência que explode em cores vibrantes, como se fôsem arrancadas de um dia luminoso e quente, enquanto que as cores e os ambientes de Grandma Moses refletem cenas e cores tranqüilas, de inverno ou verão, dos arredores de Nova Iorque. Em Grauben, não há saudade. Há simplicidade e alegria de cores, numa vibração de liberdade infantil.

As imagens de Grauben são dançantes, mas suas danças são como um ritmo à primavera, à alegria de viver, enquanto que as de Grandma Moses, também lindas e dançantes, parecem interpretar danças evocadoras de um

Moses começou a pintar quando suas mãos artríticas não podiam mais fazer os trabalhos de agulha que lhe eram tão caros. Ela já era uma senhora velha e parecia anciã. Grauben, não. Aos 73 anos, tem uma grande juventude física e um espírito tão moço, de fazer inveja a muita balzaquiana. Sua pele não tem uma ruga e é de um rosado quase infantil. Seu riso, franco, espontâneo, é um riso de jovem.

Mas, onde ficou o espiritismo, nisso tudo? É que eu acho ter sido a revelação de Grauben um ato de espiritismo. Uma sobrinha presenteou-a com uma caixinha de tintas. "Estranho presente!" — pensou Grauben. Uma noite, estava docemente posta em sossêgo, como D.^a Inês, quando, de repente, sentiu um impulso e se dirigiu para a caixinha de tintas. Começou, para se distrair, a copiar um gato de anúncio de jornal. O gato saiu com pernas de frango!

Mas era um gato engraçado, que, no dia seguinte, causou a admiração da família, divertindo-a, ao mesmo tempo. Daí em diante, Grauben não parou mais. Dir-se-ia que o espírito que a animara e fizera com que ela se dirigisse à caixinha de tintas, entusiasmado com sua obra não a deixava em paz, obrigando-a a trabalhar sem cessar.

E foi surgindo a pintura de Grauben, uma pintura ingênua, primitiva,

A INSPIRAÇÃO VEM DA DELEGACIA

passado muito longínquo. As cores flamejantes de Grauben seriam maravilhosas para tapeçarias orientais, que poderiam ter adornado os palácios de Harum-al-Rachid, dos Barmecidas, de Akbar, de Sha Jahan. E seriam dignas dos pés dançantes de Salomé, de Sakuntala, de Sheerazade. Grauben afirma que nada entende de pintura e que não saberia distinguir um Portinari de um Van Gogh.

Isso pode parecer cabotinismo ou exagero pour se faire remarquer. Mas não com Grauben. Quem com ela fala vê logo que ela seria incapaz de um ato de cabotinismo, com aquêl sorriso franco, aquela allure de bela senhora que é, simples e espontânea, como simples e espontânea é a sua pintura.

O êxito de Grauben é sempre crescente junto ao público. Quando expôs no Instituto Brasil-Estados Unidos, seus quadros foram, todos, imediatamente adquiridos. Eles trazem vida e alegria a uma casa. Já expôs ela no Museu de Arte Moderna do Rio, vai expor em São Paulo e, quando expuser nos Estados Unidos, certamente será considerada como uma jovem Grandma Moses.

Seu nome todo? Grauben Bomfcar do Monte Lima. Mas, como todo artista conhecido, ela já é simplesmente Grauben. Afinal de contas quem sabia o nome verdadeiro de Grandma Moses, que era Anna Mary Robertson Moses, de Greenwich, Nova Iorque? Só mesmo os seus íntimos, porque sempre só ouvi falar simplesmente de Grandma Moses. Grauben será simplesmente Grauben, a mais jovem senhora de 73 anos que já me foi dado conhecer!"

instituto de arte contemporânea

J01A 2ª edição março
1962 n.º 96